

4491/111

19

**ELEGIA.**  
**SOLUÇOS**  
**DA LUSITANIA,**  
 NA SENTIDÍSSIMA MORTE  
 DO SEU EXCELSO MONARCA  
 O SENHOR  
**D. JOÃO VI.**

**M**usa minha infeliz no horror envolta,  
 Com teu canto fatal ternos gemidos,  
 Suspiros de saudade aos Lusos solta!

Da negra infesta dôr já combatidos,  
 Mil súplicas ao Ceo nadando em pranto,  
 Baldarão corações enternecidos!

Graçou receio em nós, o susto entanto,  
 Com filial amor, em toda a parte  
 Se fez preces a hum Deos tres vezes Santo;

Mas o Ente immortal, que bem reparte  
 Dos beneficios seus, o Rei piedoso,  
 Ao Celeste prazer quiz elevar-le!

\*

Entre delicias quiz d'eterno gozo  
Tua Alma, collocar, quiz arrancar-te  
A's penções do Governo trabalhoso!

Hoje hum Povo fiel, que soube amar-te,  
De benéfico Pai a perda chora  
Sem poder da lembrança separar-te!

Esta mágoa cruel, que nos devóra  
Ha de ser muitas vezes repetida;  
Pois que amado serás como atégora.

Succumbi, corações endurecidos,  
Que da mávida doença o triste effeito,  
Faz na Lysia escutar altos gemidos!

Entre sombras d'horror, e sem respeito,  
Para victima ter de Prole Augusta,  
Assaltou feia Parca o Regio Leito!

Essa A'trapos cruel, que tanto assusta,  
A' preciosa vida do Soberano,  
Já o fio cortou com mão injusta!!

Hum intenço tormento o mais tyranno,  
Aos excessos da dôr nos deixa expostos,  
Nos dá d'infausta perda o desengano.

Ah, qu' irremediaveis são tantos desgostos!  
Pois do intimo pezar espavoridos,  
Cobre dura afflicção os nossos rostos!

De continuos lamentos atordidos  
Nos vêmos; e serão, oh mágoa dura!  
Nossos olhos, do pranto denegridos!

Ah, que he grande a nossa desventura!  
 Roubou-nos, (que pezar!) o Pai mais cáro,  
 A negra Morte em pálida figura!

A nossa fatal dôr não tem repáro,  
 Mas hum Deos o chamou, subio contente,  
 Ao celeste prazer dos bons aváro.

Ah, que a falta d'hum bem, a Lysia sente!  
 Chorai Lusos fieis, que não existe  
 O mais grato dos Reis, mais indulgente!

Lastimai vossa perda amarga, e triste,  
 Pois até o que em fim povos domina,  
 A decretos da Morte não resiste!

Já monstro do horror, Parca ferina,  
 A noticia cruel do teu arrojo,  
 Fez na terra espalhar rouca buzina:

Fez da negra afflicção triste despojo,  
 A saudade, que deixa á Patria inteira,  
 Aquelle, que fará eterno enojo.

He pois nosso pezar sobre maneira  
 Dos mais sensiveis, ah! dos mais tyrannos,  
 E a mágoa de perde-lo, verdadeira.

Perdemós o que foi em longos annos,  
 Mais que apoio fiel da Monarchia,  
 A ventura, o prazer dos Lusitanos.

Vamos todos chora-lo noite e dia,  
 Chorai Lusos, chorai o bem perdido,  
 Hum terno coração, huina alma pia.

Descobre, ó Lysia o gesto enternesido  
 Faze patente ao Mundo, o Mundo veja  
 O recente pezar, que tens sentido.

Para allivio ganhar em vão forceja  
 O sensível mortal terno Vassallo,  
 Quando apoz do terror, lucto negreja!

Quem jámais deixará de prantea-lo,  
 Os amantes do bem, da Patria amantes,  
 Com sobejo motivo hão de chora-lo!

Sejão nesses suspiros incessantes,  
 Tanto deve exigir a cinza amada  
 Com excesso d'amor, na Lei constantes.

Sua longa memoria eternizada  
 Por nós, pelos vindouros veja o Mundo  
 E com metro sonoro decantada,  
 Seja em alto respeito, amor profundo.

---

L I S B O A:

Na Impressão de Alcobia. Anno 1826.

*Com licença da Meza do Desembargo do Paço.*